

OS CAMINHOS SUBTERRÂNEOS DE SALAMANCA: UM PANORAMA ACERCA DOS INVESTIGADORES DA COVA ESPANHOLA

Elisângela Aparecida Zaboroski¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal desvendar os mistérios acerca da Cova de Salamanca, na Espanha, e apresentar um estudo detalhado acerca dos principais investigadores literários da cova espanhola, uma vez que, são o testemunho da importância deste elemento para a cultura popular ibérica.

Palavras-chave: Cova de Salamanca, Investigadores, Mitologia, Literatura.

THE UNDERGROUND WAYS OF SALAMANCA: AN OVERVIEW ABOUT THE RESEARCHERS OF THE SPANISH CAVE

Abstract: This study aims to unravel the mysteries about the Cova de Salamanca, Spain, and present a detailed study on the main researchers of the Spanish literary grave, as are the testimony of the importance of this element to the popular Iberian culture.

Key-words: Salamanca's Cave, Researchers, Mythology, Literature.

INTRODUÇÃO

Muito já se escreveu sobre a famosa Cova de Salamanca, localizada na cidade homônima, na Espanha, sobre as lendas acerca de seus poderes mágicos e sobre

¹ Graduada em Letras - Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV, possui Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e atualmente cursa Doutorado em Literatura pela mesma instituição. E-mail: elis.zaboroski@gmail.com

seu ilustre morador, diga-se o diabo, e seus visitantes, os estudantes da Universidade de Salamanca.

No entanto, ao abordar o referido tema é interessante atentar ao fato de que inúmeros escritores eternizaram tais histórias, dedicando a elas, quando não livros, ao menos algum fragmento de suas obras, para que a Cova de Salamanca, também fosse sempre lembrada, nas páginas da literatura, uma vez que, devido a sua importância, por fazer referência ao período de dominação cristã aos muçulmanos na Península Ibérica, o elemento Cova de Salamanca é fundamental para a divulgação do folclore local, das dezenas de lendas surgidas acerca desse inusitado local e as ramificações que este tema suscitou aos olhos da literatura universal.

A grande maioria dos autores espanhóis e muitos outros dedicaram algumas páginas de suas obras ficcionais para falar da Cova espanhola, sendo assim, são eles considerados hoje, como investigadores do tema, cabendo a eles sua imortalidade, uma vez que, há muito o lugar físico da Cova fora destruído e tenha se transformado até em padaria, para posteriormente ser fechado, assim, perdeu seu caráter usual, embora, jamais tenha perdido seu caráter mítico.

O vasto número de autores de ficção que se deteram escrevendo algo sobre a Cova é uma fato bastante revelador da importância da mesma para a cultura popular ibérica. Sendo assim, aqui apresenta-se um estudo detalhado acerca daqueles investigadores da Cova de Salamanca e suas obras, fontes, não apenas de consulta histórica-literária, sob os aspectos do que poderia ter acontecido na Cova salmantina, segundo relatos do povo rural da região, mas sim, de um resgate folclórico e da cultura popular em questão, bem como, uma descrição inicial do que vem a ser a Cova de Salamanca.

A COVA DE SALAMANCA

São muitas as lendas e os mitos existentes acerca da Cova de Salamanca. Antes de tudo, ela possivelmente foi um primitivo lugar sagrado, utilizado pelos Celtas para a veneração de seus deuses, uma vez que, a prática da magia, da adivinhação através dos astros e das forças da natureza era comum aos habitantes da Península Ibérica, como também aos de outras regiões da Europa, muito antes do Cristianismo existir como uma religião.

Após o seu surgimento, todas essas crenças antigas, e qualquer tipo de adoração a outros deuses, eram consideradas rituais pagãos e, com isso, conseqüentemente, todos os lugares onde essas cerimônias eram realizadas também foram condenados e considerados impuros. Não podemos datar ao certo o surgimento dos cultos pagãos na Espanha, mas ao que tudo indica são muito antigos.

De un lugar sagrado de los celtíberos a templo cristiano, el proceso de descafeinización [da Cova] es lógico y no es único, pues fue práctica corriente en los primeros siglos del cristianismo. Originariamente la Cueva de Salamanca habría sido ese lugar de culto primitivo, ese lugar de adivinación, ese lugar de encatamiento de las etimologías no-científicas del nombre de la ciudad. (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 140)

Nos anos de 900 e 600 a. C., os Celtas chegaram à Espanha trazendo com eles seus deuses e seus cultos a animais totêmicos. Eles construíam suas casas e formavam seus povoados nas colinas, para assegurar a própria defesa, e costumavam enterrar seus mortos a uma distância considerável do lugar em que residiam, embora não muito longe. Segundo Valdeavellano (1952, p. 139-140) esse povo adorava

los astros, como el sol, la luna y la estrella matutina, tal vez animales como el toro, rindiendo adoración a los lugares naturales, como ríos, fuentes, árboles... Junto a las fuentes termales o milagrosas se levantaban santuarios..., celebrándose en el plenilúnio grandes reuniones nocturnas en honor de la diosa lunar.

Contudo, mesmo com o surgimento e, posteriormente, a proliferação do Cristianismo na Espanha romana, por volta do século III (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 138), os rituais Celtas, considerados então pagãos, não deixaram de existir, continuaram, pois, sendo praticados pelos salmantinos, e o culto de religiões primitivas, venerando forças e manifestações do mundo natural continuaram sendo realizados.

Com isso, o processo de avanço do Cristianismo como religião foi lento, principalmente em cidades como Salamanca. “Este fenómeno de los cristianos que todavía siguen dando culto a las divinidades paganas se da en la Iglesia visigoda del siglo VII, según atestiguan los Cánones de los Concilios.” (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 138)

A Igreja fez o que pôde para tentar acabar com esses rituais e para também arrebanhar seguidores à sua fé, sendo que para isso, nos vários concílios que realizou na Espanha, a partir do século IV, a magia daqueles rituais foi considerada impura e condenada. O principal objetivo disso era a proibição e a aniquilação de qualquer ato de magia, de qualquer movimento que pudesse fortalecer os cultos às religiões primitivas.

González Egido (1994, p. 139) é um dos defensores da possibilidade da Cova de Salamanca ter sido um local de culto primitivo, de velhos rituais pagãos como a adoração ao deus sol, por exemplo, portanto, ligada ao profano.

Sagrado e profano unidos para dar luz, para dar vida, às inúmeras lendas existentes acerca da cova, local sagrado: a sacristia subterrânea de uma Igreja Católica e, ao mesmo tempo, um local conhecido pelas inúmeras lendas contadas acerca do ilustre personagem que nela habita: o diabo, o qual daria aulas sobre a magia condenada pela Igreja, e com isso, a cova salmantina, torna-se um local profano, pela segunda vez.

Todavía, a Cova foi associada, sobretudo, como o lugar de um velho culto necromântico (de adivinhação através dos mortos) que aconteceria no subsolo geológico de Salamanca, onde “impartía a la luz de una arruinada vela incombustible, clases de adivinación y otras artes diabólicas, durante siete años, a siete estudiantes, de los que uno, como pago obligado por las lecciones dictadas, se quedaba en poder del Maligno.” (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 11) e está diretamente relacionada com a presença do demônio.

Luciano González Egido informa que a Cova de Salamanca, no imaginário popular espanhol, seria o lugar onde o demônio mais apareceu e no qual por mais tempo ministrou aulas sobre as artes mágicas.

El Demonio, con mayúscula, como se merece por su dignidad personal, su inmenso poder y su venerable y bien conservada ancianidad, es el eje central de la leyenda de la Cueva de Salamanca, su primer habitante y por supuesto su indiscutible protagonista. Ubicuo como la Divinidad, tuvo su morada a la vez y a lo largo del tiempo en muchos lugares y tomo muchos nombres y se apareció a sus seguidores y a sus víctimas bajo diversos disfraces, profesiones y cataduras. La de Salamanca no fue la única cueva del mundo que sacralizo con su asidua presencia, ni siquiera fue el único lugar de la ciudad donde se manifestó, pero, en Salamanca, fue allí donde estuvo de un modo más propio y donde su recuerdo dejó una huella más duradera y más característicamente indeleble. (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 32-33)

Às vezes, a figura do diabo era substituída na crença folclórica. Certas versões da lenda sobre a Cova falam que por volta do século XIV, o sacristão Clemente Potosi teria sido professor de artes mágicas ali, onde aconteceriam rituais. (BAVARESCO, 2003, p.12)

A condição da Cova como lugar místico, no decorrer dos séculos XII ao XV, atraiu a atenção de diversos escritores, que se debruçaram sobre o tema e produziram literatura a seu respeito. Com isso a fama da Cova cresceu e estimulou ainda mais a imaginação popular, a qual a transformou, definitivamente, no afamado local misterioso, assombrado e demoníaco.

Diversas lendas relatam que era na Cova de Salamanca que o diabo transformado em sacristão ou, segundo algumas versões, sob a forma de uma estátua que possuía uma cabeça que falava, ensinava necromancia, astrologia e outras adivinhações aos estudantes da Universidade de Salamanca, os quais iam até ele com profundo interesse de conhecer e aprender a utilizar as artes ensinadas pelo mesmo. Tais aulas aconteciam sempre no período noturno e aos sábados, dia especial na simbologia judaica e no imaginário popular

E é em meio a esse universo mítico que adentramos nas investigações literárias acerca da Cova de Salamanca.

INVESTIGANDO A COVA DE SALAMANCA

É difícil precisar quem foi o primeiro autor a retratar em suas páginas literárias algum assunto referente a Cova de Salamanca, contudo, aqui se faz um resgate acerca dos primeiros investigadores literários sobre o tema, desde o seu surgimento juntamente com a criação da Universidade de Salamanca no ano de 1218.

Embora acredite-se que a proliferação das diversas histórias contadas sobre a Cova de Salamanca principiam no século XIV, cerca de cem anos depois da fundação da Universidade de Salamanca.

Quando a Universidade foi fundada, no ano de 1218, pelo rei Alfonso IX, iniciou-se um processo de transformação, do que antes era apenas uma cidadezinha perdida na fronteira, entre os reinos de Leão, Castela e o mundo Islâmico e com isso Salamanca cresceu. Na época dessa fundação era inevitável que, além de sua utilidade política e social, ela reunisse uma minoria culta que tinha interesse intelectual, e com isso o local ganhou o prestígio da elite.

Porém, a Universidade se transformou, aos olhos do povo supersticioso, em um lugar misterioso, em um antro de atividades suspeitas e desconhecidas, e, conseqüentemente, em um lugar, onde eram praticadas atividades perigosas e o mal poderia ser praticado.

El impacto de la fama de la Universidad de Salamanca se extendió por toda Europa, por la doble vía del pueblo y de los cultos, y al milagro se le buscaron antecedentes explicativos y ennoblecedores. La fantasía popular y la incredulidad erudita coincidieron en encontrarle raíces antiguas y, como sería de esperar, orígenes mitológicos. (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 65)

Essa dedicação dos estudantes aos livros e às horas de estudo, o seu isolamento e a utilização do latim, língua que a maioria das pessoas não compreendia, e, ainda, o inevitável afastamento da sociedade por parte dos acadêmicos, dos professores e dos demais frequentadores da Universidade, deixavam o povo inquieto, uma vez que aquela gente simples não via necessidade e não entendia o porquê algumas pessoas que adentravam aquele lugar passavam lá horas intermináveis. Tais fatos distorcidos pela imaginação e credulidade popular, foram logo associados com a figura do demônio.

Portanto, a origem da relação do diabo com a Universidade de Salamanca está na visão que os indivíduos não letrados nutriam de seus livros, suas aulas e de seu latim. Com isso, não foi difícil crescer e difundir-se a fama que correlacionava a Universidade com a figura do diabo, dando ensejo ao surgimento de inúmeras lendas. A propósito disso González Egido (1994, p. 65), escreve:

El cultivo de los libros, el empleo del latín académico, ya ininteligible por el pueblo, y la vida retirada de los estudiosos, entregados a prácticas misteriosas, a horas inempestivas y en lugares reservados, crearon, debemos pensar que inmediatamente, un distanciamiento crítico y un temor entre reverencial y precavido, que creció igualmente alrededor de todos los centros de estudios de la Europa medieval y que daría lugar a la creencia de que la Universidad estaba relacionada con el Demonio y que los profesores dedicaban sus extrañas actividades, que tenían en los alquimistas y en los “físicos”, que eran los médicos de aquel tiempo, en gran parte judíos, su representación más alarmante y más odiosa.

Nas diversas lendas contadas acerca da Cova, se associarmos a figura dos estudantes, que frequentavam tanto a Universidade quanto, supostamente, a Cova, teremos uma ligação importante entre os dois ambientes. Se, para o povo, a Universidade era um local que estava relacionado com o demônio, a Cova seria seu local de origem ou pelo menos de moradia. E era ali que os estudantes salmantinos iriam em busca dos ensinamentos proibidos.

Os dois lugares, inclusive, confundiam-se na imaginação popular medieval, que acreditava que todo o tipo de aprendizado universitário salmantino tinha relação com a Cova e suas artes mágicas, sendo que os estudantes, naturalmente, seriam o público mais interessado nesse tipo de ensinamento.

La confusión entre Universidad y Cueva es absoluta muy significativa y traduce una extendida creencia, que había viajado hasta Francia con el tiempo suficiente para introducirse en las páginas de un libro, y que reunía concreciones históricas y fantasías mitológicas, en una simbiosis altamente expresiva, que no sólo evidencia la mentalidad de la época, sino que nos da pistas para desvelar la situación del nombre de Salamanca en el conjunto de los conocimientos europeos de mediados del siglo XV, como lugar donde la enseñanza tenía alguna relación con una cueva [...] que contestaba a la curiosidad de los estudiantes. En esta referencia fantástica están esbozadas las dos realidades docentes de la vieja ciudad: su Universidad y su cueva. (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 66)

Em outras palavras, a Universidade de Salamanca perpassa a cultura popular do medievo como um centro de trabalhos misteriosos, do qual irradiava um fulgor satânico, enquanto a sua Cova, paralelamente, estendeu sobre a universidade e, através dela, sobre toda a cidade espanhola, uma aura inquietante, que, de certa forma, representava perigo para a sociedade.

Podemos pensar que, apesar da confusão, os dois lugares, em linhas gerais, nos limites entre o real e o imaginário, assumem perspectivas distintas: a Universidade seria o local onde os estudantes aprendiam saberes mundanos (artes, letras e ciências convencionais) enquanto a Cova assomava como lugar onde o oculto e o fantástico eram desvendados, onde as artes condenadas pela Igreja eram praticadas.

Mitologicamente falando, a origem da Cova pode manter alguma relação com a passagem lendária do semideus grego Hércules por Salamanca, que, entre outras fontes, é narrada no livro intitulado *Le Recueil des Histoires de Troyes* (1464), de Raoul Le'Fevre (c. séc. XV).

Segundo Le'Fevre, Hércules foi à cidade com o objetivo de fundar um local propício para os estudos, uma espécie de estúdio de artes. Para realizar este feito, o herói abriu uma fenda na terra e dentro dela introduziu muitos livros e

as sete artes liberais, ou seja, a gramática, a dialética, a retórica, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música, as quais, na Idade Média, constituíam o centro dos currículos universitários. Todavia, nessa época, o estudo da magia “ fue considerado [...] una tarea intelectual, y que incluso formaba parte de las siete artes liberales.” (GARCIA BLANCO, 1961, p. 80)

Le’Fevre conta ainda que, após ter realizado o feito, Hércules convocou/ convidou o povo espanhol para que frequentasse a fenda, chamado que não foi atendido devido ao fato da população ser rude e não compreender tamanha maravilha realizada pelo herói grego. Conta-se também que o

mítico fundador tenía que continuar sus proezas en otros escenarios, concilió su designio de que el estudio fosse mantenido con la construcción de una estatua suya, a la que confirió el don de la palabra, encomendándole las respuestas de los celosos estudiantes que quisiesen de veras aprender, como sí Hércules estuviese allí en persona. (GONZÁLEZ EGIDO, 1994, p. 65-66)

Don Alonso de Ercilla (1533-1594), por sua vez, dedica em *La araucana*, obra de 1589, a terceira parte, da referida obra, para contar a história do mago Fitón, que vive em uma cova semelhante a aquelas que a tradição medieval localizou em Toledo, sendo que ele menciona três cidades famosas da Espanha, uma delas, a cidade de Salamanca.

Diria Ercilla: “Vees a Burgos, Logroño y a Pomplona;/ y bajando al poniente, a la siniestra,/ Zaragoza, Valencia, Barcelona;/ a León y a Galicia de la diestra./ Vees la ciudad famosa de Lisboa,/ Coímbra y Salamanca, que se muestra/ felice en todas ciencias, do solía/ enseñarse también nigromancia.” (ERCILLA, 1983, p. 228)

Em Portugal, no seu período Quinhentista, ou mesmo até meados do século XVI, encontramos a expressão “Cova de Salamanca” como designação para lugares encantados e para furnas que guardassem ou escondessem algum tipo de tesouro.

Para Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza (1581-1639) as histórias sobre a Cova de Salamanca só foram real motivo de seu interesse ao final de sua vida, em princípios do século XVII, depois de ter ele estudado mais sobre o assunto, tendo aulas na própria Salamanca, uma vez que, foi aluno da tão famosa Universidade de Salamanca, onde conseguiu o título de bacharel.

Sua passagem por Salamanca deixou traços significativos em seu teatro, como a história do estudante mentiroso, contada por ele em sua *Verdad sospechosa*, que alude, muito bem, ao tema folclórico de seu personagem, bem como, uma de suas comédias mais interessantes, *La cueva de Salamanca*, que conta a história do Conde Enrico, um mago com poderes misteriosos.

Na mesma também aparece a célebre figura do Marquês de Villena, um personagem fundamental quando o assunto é a Cova de Salamanca. Lemos em Alarcón y Mendonza: “La parlera fama allí [en Madrid]/ ha dicho que hay una cueva/ encantada en Salamanca,/ que mil prodígios encierra;/ que un acabeza de bronce/ sobre una cátedra puesta/ la mágica sobrehumana/ en humanavoz enseña;/ que entran algunos a oír/la,/ pero que de siete que entran/ los seis vuelven a salir/ y el uno dentro se queda.” (ALARCÓN Y MENDOZA, 1946, p. 83)

É importante ressaltar que Alarcón, assim como Cervantes, toma certo distanciamento crítico acerca da lenda da cova espanhola. “La cueva de Salamanca presenta un remanso de ciencia y estudio, grato al espíritu de Alarcón.” (EGIDO, 1994, p. 108)

A comédia de Alarcón termina ainda fazendo referência as famosas tradições lendárias da cova: “Y con esto damos fin/ a la historia verdadera/ del principio y fin que tuvo/ en Salamanca la Cueva,/ conforme a las tradiciones/ más comunes y más ciertas.” (ALARCÓN Y MENDOZA, 1946, p. 86)

Em princípios do século XVII, mais precisamente no ano de 1604, temos um valioso testemunho acerca da magia praticada dentro da Cova de Salamanca, feito pelo estudante Girolamo da Somaia, que em seu “Diario de estudiante de Salamanca”, faz referência a este lugar encantado.

Em 1606 temos a obra dramática de Gonzalo de Monroy, que viveu nos meados do século XVII, escreveu *La cueva de San Cebrían*, que não deveria ser a úncia, devido ao interesse popular pelo tema. Com isso a história sobre a cova salamantina e também chamada cipriana ganhou mais interesse e foi amplamente difundida.

Em Francisco Gómez de Quevedo y Santibáñez Villegas (1580-1645) podemos encontrar mais uma alusão ao tema do encantamento do Marquês de Villena na cova salamantina.

A obra de Quevedo que se refere a este tema é *El mundo por de dentro* (1612), onde existe uma breve alusão a lenda de um homem que está preso dentro de uma redoma. Já em seus *El sueño de la muerte* e *La hora de los chistes* (1622) ele conta a saga do Marquês de Villena dentro também de uma redoma encantada. Eis aqui um trecho de uma conversa do famoso Marquês:

- Jesús mil veces - dije - ¿qué hombrees éste, nacido en guisado, hijo de una redoma?/ En esto oí una voz que salía de la vasija, y dijo: - ¿Qué año es éste?/ - De seiscientos y veintidós - respondí./ - Este año esperaba yo./ - ¿Quién eres - dije -, que, parido de una redoma, hablas y vives?/ - ¿No me conoces? - dijo -. La redoma y las tajadas, ¿no te advierten que soy aquel

fabuloso nigromántico de Europa? ¿No has oído decir que me hice tajadas dentro de una redoma para ser inmortal? (QUEVEDO Y VILLEGAS, 1966, p. 172)

Em sua obra Quevedo faz grandes elogios a Villena, para ele o marquês já é um elemento do folclore ibérico e não apenas da Cova de Salamanca, é importante ressaltar que o marquês de Villena realmente existiu e tinha profunda ligação com a Cova espanhola, ao menos era nisso em que acreditavam os clérigos da época.

Os temas das furnas ou cavernas encantadas tornaram-se clássicos na literatura e no teatro espanhol. No *Entremés de la Cueva de Salamanca* (1615), de autoria de Miguel de Cervantes (1547-1616), o criador de Dom Quixote valeu-se do pretexto das histórias de Salamanca terem ganho espaço na literatura para falar disso em tom de brincadeira.

Cervantes refere-se ao tema, contando a história de um estudante que teria adentrado na famosa cova e lá teria aprendido o segredo das artes mágicas e teria tido como professor o diabo. Diria o estudante de Cervantes:

La ciencia que aprendí en la Cueva de Salamanca, de donde yo soy natural, si se dejara usar sin miedo de la Santa Inquisición, yo sé que cenara y recenara a costa de mis herederos; y aun quizá no estoy muy fuera de usalla, siquiera por esta vez, donde la necesidad me fuerza y me disculpa; pero no sé yo si estas señoras serán tan secretas como yo lo he sido." (CERVANTES, 1984, p. 195)

Em outras passagens de seu *Entremés*, seus personagens tocam e cantam uma música que alude, explicitamente, ao tema da cova encantada, bem como Pancrácio também tem curiosidade de aprender as artes mágicas, que são ensinadas na cova e explicita isso. Seria esta a música:

Oigan los que poco saben/ Lo que con mi lengua farnca/ Digo del bien que en sí tiene/ *La Cueva de Salamanca.*/ Oigan lo que dejó escrito/ Della el bachiller Tudanca/ En el cuero de una yegua/ Que dicen que fué potranca,/ En la parte de la piel/ Que confina con el anca,/ Poniendo sobre las nubes/ *La Cueva de Salamanca.*/ En ella estudían los ricos/ Y los que no tienen blanca,/ Y sale entera y rolliza/ La memoria que está manca./ Siéntanse los que allí enseñan/ De alquitrán en una banca,/ Porque estas bombas encierra/ *La Cueva de Salamanca.*/ En ella se hacen discretos/ Los moros de la Palanca;/ y el estudiante más burdo/ Ciencias de su pecho arranca./ A los que estudían en ella,/ Ninguna cosa les manca;/ Viva, pues, siglos eternos/ *La Cueva de Salamanca.*/ Y nuestro conjurador,/ Si es a dicha de Loranca,/ Tenga en ella cien mil vides/ De uva tinta y de uva blanca;/ Y al diablo que le acusare,/ Que le den con una tranca,/ Y para el tal jamás sirva/ *La Cueva de Salamanca.* (Idem, p. 198-199)

Diria então Pancraccio acerca dos ensinamentos aprendidos dentro a famosa cova: “Entremos; que quiero averiguar si los diablos comen o no, con otras cien mil cosas que dellos cuentan; y, por Dios, que no han de salir de mi casa hasta que me dejen enseñado en la ciencia y ciencias que se enseñan en la Cueva de Salamanca.” (Idem, p. 199)

O criador de Quixote ainda volta a falar do tema das covas encantadas em sua obra mais importante, *Don Quijote de La Mancha* (1605-1615), onde seu personagem principal adentra em uma cova encantada, chamada de “cueva de Montesinos”. Dom Quixote ao adentrar na mesma conversa, com o próprio Montesinos, que estava encantado dentro da fumaça, o ente fantástico convida-o a um passeio pelos sombrios corredos daquele entranho lugar. “Ven conmigo, señor clarísimo, que te quiero mostrar las maravillas que este transparente alcázar solapa, de quien yo soy alcaide y guarda mayor perpetua, porque soy el

mismo Montesinos, de quien la cueva toma nombre.”(CERVANTES SAAVEDRA, 2004, p. 724)

Ainda chamamos a atenção para o autor espanhol Félix Lope de Vega y Carpio (1562-1635), o qual em sua comédia *El desconfiado* (1620), alude ao tema da Cova de Salamanca e as inúmeras lendas contadas sobre a mesma. Isso se deveu ao contato que Lope de Vega tinha com as crenças populares espanholas da época. Diria ele: “Es [Madrid] la maravilla octava,/ porque es Madrid un compuesto,/ don Juan, de provincias varias,/ y con Madrid compararon/ **la Cueva de Salamanca:/ siempre de los muchos que entran/ se queda alguno.**(LOPE DE VEGA Y CARPIO, 2009, p. 89)

O teatro de Francisco de Rojas Zorrilla (1607-1648), distancia-se daquele teatro com moldes ainda barrocos, partindo para um teatro reflexivo, o chamado teatro de ideias. Rojas Zorrilla também foi um dos autores que explorou o universo mítico da Cova de Salamanca e com o tema em mãos trabalhou com a questão do ludíbrio, das falsas aparências, dos olhos enganadores, bem como, se valeu da temática de um feminismo libertador, baseado na inteligência das mulheres, em comparação com os homens.

Sua comédia *Lo que quería ver el Marqués de Villena* (1645) trata do tema da cova encantada, de seus estudantes, do diabo e, como não poderia deixar de ser, do próprio Marquês de Villena. Zorrilla conta a história de Doña Juana, que se veste/ disfarça de estudante e que é o centro de toda a intriga da trama, juntamente com o Marquês que dá título a peça.

Zorrilla nos traz uma narrativa permeada por rivalidades universitárias, discussões acadêmicas, bem como tem outras particularidades, como uma mulher vestida de homem, que é o menor aluno da universidade, lembrando que naquela época, apenas os homens frequentavam as universidades.

A comédia também nos revela que a magia da cova encantada articula todo o enredo da ação e não deixa de aproveitar-se de todo o conhecimento científico, advindo desde a Idade Média, para contar a saga de Villena.

Para Rojas Zorrilla, Villena é um dos estudantes da cova e da universidade, sendo que também alude a temática da enganação quando Villena deixa sua sombra em seu lugar para ludibriar o diabo e ainda faz menção ao tempo que o mesmo passou na cova. Diria Villena:

Ese [el maestro invisible] cuando me enseñaba / con condición me enseñó/ esta ciencia no adquirida,/ que aquí venís a aprender,/ que su esclavo había de ser/ como en la muerte en la vida,/ que de cuantos mi engaño/ enseñase la magia,/ un discípulo le había/ de dar por feudo cada año.../ Cada año se ha de sortear/ uno que conmigo quede;/ todos suertes han echado/ para esta satisfacción;/ trece discípulos son/ los que en trece años le he dado;/ y así, si hoy os conformáis/ a obedecer lo que os digo,/ uno ha de quedar conmigo/ de los cuatro que aquí estáis. (ROJAS ZORILLA, 2005, p. 134)

Esta é a versão de Zorrilla para o tema das salamanças encantadas. Podemos dizer que a palavra salamanca esteve sempre relacionada com as artes mágicas, a ponto de, para alguns filósofos, o pronunciamento da palavra salamanca ser considerada metonimicamente o mesmo que a invocação das artes negras, ou condenadas, como era comum chamá-las.

Outro autor que alude ao tema das covas encantadas é Diogo de Torres de Villarroel (1694-1770), escritor, poético, dramaturgo e médico espanhol, que em seu livro intitulado *Viaje fantástico del Gran Piscator de Salamanca* (1738), conta também a sua versão para as diversas lendas acerca das covas espanholas. Torres de Villarroel tinha, em sua época, a fama de bruxo a qual estava ligada a sua profissão, pois, as pessoas acreditavam que ele enquanto médico tinha

poderes mágicos sobre a vida e a morte das pessoas, aliado a isso, temos sua paixão pelas letras e pelas histórias sobre a famosa cova salmantina.

Diogo faz referência à existência da Cova de Salamanca, bem como volta às raízes da tradição oral e assinala possíveis fontes populares que tenham aludido ao tema, sendo que, ainda vale-se de fontes eruditas para referir-se ao mesmo tema. Villarroel “confirma la existencia de la Cueva y dela leyenda, alude a la conflictividad del asunto, culpa del cegamiento dela entrada a la acción del tiempo y se extravía en otra historia sobre la estancia de San Cipriano en Salamanca, para justificar la advocación de la iglesia derruida y el nombre de la Cueva. (EGIDO, 1994, p. 92)

Em 1805 Sir Walter Scott (1771-1832) publica *The lay of the last minstrel*, onde o escritor escocês adentra no tema da cova encantada e produz um poema sob o título de “Salamanca’s cave”. Sabe-se que Scott teria estudado em Toledo e lá teria ouvido as inúmeras histórias sobre as covas subterrâneas das cidades espanholas.

Já Theodor Koerner (1791-1813), poeta romântico alemão, recorda o tema das covas encantadas e refere-se explicitamente a cova salmantina em seu *Der Teufel in Salamanca* de 1812.

Outra versão interessante que podemos destacar é *The legend of the enchanted soldier* publicada no livro *Tales of the Alhambra* (1832/ 1857), do escritor norte-americano Washington Irving (1783-1859), onde ele conta a história de um estudante da universidade de Salamanca que encontra um soldado encantado que protege um tesouro no subterrâneo de um antigo reduto árabe. Uma espécie de cova encantada onde um ser fantástico permanece guardando as imponentes riquezas.

No século XIX temos *La redoma encantada* (1839), do espanhol Juan Eugenio Hartzenbusch (1806-1880), um drama de magia em quatro atos. A história de

Hartzenbusch não tem ligação com a cova de Salamanca em si, no entanto, sua história versa sobre as proezas do marquês de Villena dentro dessa redoma encantada. A lenda de Hartzenbusch tem:

un enredo de amores y desamores, de personajes misteriosamente duplicados y de tensiones entre le pueblo atropellado y la aristocracia abusona da lugar a una comedia fantástica, con apariciones oníricas, subterráneos espeluznantes, equívocos amorosos y venganzas brujeriles, donde el Marqués de Villena, prisionero en una redoma encantada es liberado po el gracioso Garabito, transformado involuntariamente en bruja y fiel enamorado de Pascuala, a la que un conde malévolo quiere casar con su viejo mayordomo, mientras él intenta gozarse a Dorotea, de la que se enamora el Marqués de Villena, cuyos poderes mágicos arreglan todo y meten en cintura a los nigromantes perversos, que se han enriquecido con sus malas artes, en lugar de emplearlas en hacer el bien, como el Marqués, que es brujo, pero honesto, siguiendo la tradición culta. (EGIDO, 1994, p. 122)

É claro que, em toda essa história sobre o Marquês de Villena existe uma caverna aterrorizante, uma cova sombria, onde ele realiza seus atos de magia. A existência de uma fuma mágica pode ser observada na seguinte passagem da lenda de Hartzenbusch: “En este castillo hay una cueva [...] y allí hay una cabeza de hombre encantada” (HARTZENBUSCH, 1839, p. 33), Sendo que ao referir-se ao encantamento do marquês dentro da redoma, seria esta a afirmação do escritor espanhol: “Villena, el mago célebre,/ habite sólo en ti./ Para siempre, Maqués de Villena,/ para siempre te quedas aquí.” (p. 41)

Em João Baptista da Silva Leitão de Almeida, ou, o então visconde Almeida Garrett (1799-1854), o tema da Cova de Salamanca foi referenciado na sua história sobre *O arco de Sant’Ana* (1845), onde Garrett faz uma menção ao tema de um lugar tenebroso, amaldiçoado pelo diabo, a cova de Salamanca.

No capítulo XXIV, intitulado “Briolanja” de sua história, o autor fala sobre as bruxas e referencia as covas encantadas de São Patrício, na Irlanda, a de Santiago de Compostela e a de Salamanca.

Lê-se em Garrett:

- As bruxas, filha, as bruxas, que as martelei a bom martelar. Pudera não! Com três da cova de S. Patrício de Irlanda, três do buraco de Santiago de Compostela, três da Santa Casa do Loreto, são nove esconjuros que lhe arrumei, a qual mais forte. Vede-me a cara com que se ele daqui foi, e dizei-me se era a mesma com que entrou. [...] - Aquela cisma de querer ir às Covas de Salamanca. Aí menina! tira-lho da cabeça; que é tentação visível de bruxaria, e mostra jeito para as más artes do Demônio. (GARRETT, 1963, p. 317-318)

A Espanha do Romantismo registra ainda o conto *La cueva de la mora* (1863), de autoria de Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870) e componente do livro publicado, postumamente, em suas *Obras Completas* intitulado *Leyendas*. Bécquer nos relata uma história da região de Fíterro, perto do rio Alhambra, onde ocorreram várias batalhas entre mouros e cristãos.

Segundo o autor, lá existiu uma fortaleza árabe, onde morava a bela filha de um alcaide mouro. Conta-se que um líder do exército cristão apaixonou-se perdidamente por ela. Neste reduto árabe existia uma sala subterrânea, uma cova, onde ambos foram mortos, portanto, aquele lugar passou a ser habitado por suas almas. Bécquer conta que quando alguém pergunta a algum trabalhador de Fíterro sobre as furnas, grutas e passagens subterrâneas que envolvem as ruínas do reduto árabe suas respostas sempre eram:

- ¡Penetrar en la cueva de la Mora! - me dijo, como assombrado al oír mi pregunta - Quien hába de atreverse? No sabe usted que de esa sima sale todas las noches un anima? [...] -El anima

de la hija de un alcaide moro que anda todavía penando por estos lugares, y se la ve todas las noches salir vestida de blanco **de esa cueva**, y llena en el río una jarrica de agua. (BÉCQUER, 2005, p.224. Grifo nosso)

Uma das últimas versões espanholas eruditas para a lenda da cova de Salamanca, trata-se de um livro anônimo intitulado *Historia del Marqués de Villema o redoma encantada* de 1864, onde é contada a famosa lenda do nobre estudante que fica preso dentro de uma redoma.

Na vizinha Argentina existe uma versão de Rafael Obligado (1851-1920) para esse tema do folclore em suas *Poesías* de 1893, onde Obligado alude ao tema da salamanca encantada. Seria esta a primeira parte do poema de Oligado:

LA SALAMANCA

I

Nace la Noche en el fondo
de las abruptas acañadas,
y con las sombras primeras
por los valles se adelanta.
Aunque es dulce, en su presencia
las aves gimen, no cantan,
y se arrojan a su albergue
tropezando entre las ramas;
aunque es tierna, y el suspiro
de su labios llena el aura,
va taimada despertando
execrables alimañas.

Deja el valle, y en silencio
ágil trepa por la falda,
metiéndose entre las grietas,
descendiendo a las quebradas,
arrebatando las luces
que el sol dejó en la montaña,
hasta que se hunde sombría
en la horrenda Salamanca.

**¡La Salamanca! Antro oscuro
de quiméricas fantasmas,
que en los senos de la tierra
largo espacio se dilata.
En columnas de calcáreo
lanza sus bóvedas anchas,
o corriendo por encima
de estalagmitas se arrastra;
retuércese en espirales
que a los abismos se lanzan;
por silente galería
recta las peñas taladra;
y del fondo tenebroso,
en vibrantes bocanadas,
arroja al vasto recinto
de las bóvedas en calma,
el lejano cañoneo
de estruendosa catarata.
Luego, en grietas repartida,
por angostas sendas marcha,
hasta juntarse en inmensa,**

**húmeda y tétrica sala,
donde suena, siglos hace,
la pertinaz gota de agua.**

¡Mansión de horror! En la altura

giran del búho las alas,
y de sus ojos redondos
echa a aquel antro las llamas;
y más abajo, esparciendo
del aire espeso los miasmas,
de los hediondos murciélagos
vuela la torpe bandada.

Corren en fila, azotando
las encorvadas murallas,
en procesión hervorosa
las malditas luces malas,
y, a su reflejo, algún duende
se asoma, y rápido pasa,
hundiendo mudo en la sombra

los callados pies de lana. (OBLIGADO, 1906, p. 134. Grifo nosso)

No Brasil podemos encontrar a lenda “A salamanca do Jarau” do gaúcho João Simões Lopes Neto (1865-1916), a qual versa sobre um Sacristão das antigas Missões Jesuíticas que se apaixonou pela Teiniaguá encantada, ambos são condenados e passam a viver na salamanca em um dos cerros do Jarau.

“Escuela de magia, oficina de sortilégios, capilla del mal, la Salamanca, en una alegoría intuitiva de lo subconsciente en el hombre y se asemeja a las cuevas de los antiguos misterios paganos. Por todo ello, la Salamanca es el mayor mito

elaborado en la época colonial.” (ROJAS, 1943, p. 155) É com este prólogo que o escritor argentino Ricardo Rojas (1882-957), inicia sua obra *La salamanca* (1943), onde discorre sobre a existência de escolas de magia e sobre a Cova de Salamanca.

Seu drama está dividido em três atos, sendo ele um conjunto de dados e tradições indígenas e/ou espanholas, onde o diabo que habita uma cova profunda tem os traços de Supay, o deus das trevas da mitologia inca. Sua trama vale-se de tópicos como a venda da alma ao diabo, o amor e a juventude impossíveis. Ao final de seu complicado drama, Rojas, admite que o bem vença perpetuando-se como soberano sobre o mal. Podemos perceber que muitos dos símbolos utilizados no drama se agrupam no final de seu drama.

- Esta es la boca de la salamanca./ - !Santo Cielo! !Cuidado!/
- Al moverse estos grajos algo negro ha volado/
- Si reunidos los brujos están/
en su escuela maldita,/ yo he traído una estampa de San Ciprián./
- Y yo traigo la cruz de nuestra ermita./
- Entremos todos con la cruz adelante,/ y con este exorcismo/
veréis la luz triunfante/ entre las sombras del siniestro abismo.
(Idem, p. 167)

Aqui traçou-se um estudo, uma genealogia acerca dos literatos que se debruçaram sobre o tema da famosa cova espanhola, embora, seja importante destacar que não excluem-se aqui todas as possibilidades de existirem autores que, ainda não foram incluídos, em um estudo como este.

No entanto, ao menos conseguimos traçar um panorama acerca de quem seriam seus investigadores, as referidas obras e sua importância para a cultura popular ibérica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar um estudo como este tem-se a sensação de que apenas se iniciou um trabalho de investigação, uma vez que, aqui foram apresentados apenas alguns exemplos acerca desses literatos-investigadores, no que diz respeito a Cova de Salamanca, e o conceito do local físico e mitológico da cova espanhola.

No entanto, é necessário atentar ao fato de que sempre surgirão pesquisadores/investigadores interessados em temas como esse, essencialmente ligado a cultura popular ibérica, eis a riqueza e a infinitude que a literatura proporciona.

REFERÊNCIAS

ALARCÓN Y MENDOZA, Juan Ruiz de. **La verdad sospechosa**. Biblioteca dramática de Bellas Artes, Universidade da Califórnia, 1946.

BAVARESCO, Agemir. **Aprender a ser gaúcho: a Salamanca do Jarau de João Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

BÉCQUER, Gustavo Adolfo. **Leyendas/ Lendas**. Edição Bilingue. Trad. Antonio Esteves. Colección Orellana. Brasília: Consejería de Educación y Ciencia en Brasil, nº 17, 2005.

CERVANTES, Miguel. **Entremés de la Cueva de Salamanca**. Madrid:Alonso Martín, 1984.

_____. **Don Quixote de La Mancha**. São Paulo: EDIGRAF, 2004.

ERCILLA, Alonso de. **La araucana**. Madrid: Catedra, 1983.

GARCIA BLANCO, Manuel. Cervantes y el entremés de La cueva de Salamanca. In: _____. **Seis Estudios Salmantinos**. Salamanca: Centro de Estudios Salmantinos, 1961.

GARRETT, Almeida. **O arco de Sant'Ana**. São Paulo: Porto editora, 1963

GONZÁLEZ EGIDO, Luciano. **La cueva de Salamanca**. Salamanca: Ayuntamiento de Salamanca, 1994.

HARTZENBHSCH, Juan Eugenio. **La redoma encantada**. Madrid: Yenes, 1839.

LOPE DE VEJA Y CARPIO, Félix. **El desconfiado**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: Madrid: Biblioteca Nacional, 2005.

OBLIGADO, Rafael. **Poesías**. Buenos Aires: Librería Rivadavia, 1906.

QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco Gomes de. **La hora de los Chistes**. Madrid: Catedra, 1966.

ROJAS, Ricardo. **La Salamanca**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1943.

ROJAS ZORRILLA Francisco de. **Lo que quería ver el Marqués de Villena**. Madrid: Linkgua Ediciones, 2005.

VALDEAVELLANO, Luis de Garcia de. **Historia de España**: de los orígenes a la baja Edad Media. Madrid: Manuales de la Revista de Occidente, 1952. Tomo I.